Revelação

Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba
Ano VIII • nº 333 • Uberaba/MG • Maio de 2007

UNIUBE
Educação e responsabilidade social

Católicos x espíritas

Insultos divinos

Confrontos religiosos incendiaram imprensa de Uberaba nos anos 1940

págs. 8 e 9

O comunista Orlando Ferreira (à esquerda) e o então bispo de Uberaba, D. Alexandre Gonçalves Amaral (à direita) foram as principais personagens da guerra de ofensas que católicos e espíritas travaram nos jornais da cidade na primeira metade do século XX

TV Universitária

É para vender ou educar?

págs. 10 a 12

Cidadania pede passagem

Deficientes físicos cobram seu espaço

págs. 4 e 5

Sala de aula

Violência simbólica compromete ambiente escolar

págs. 6 e 7

Leia também

Jovens do Probem são desrespeitados nas ruas
pág. 3

Truques de vendedores prejudicam consumidor
págs. 14 e 15

issuu-downloader.com

••• Compromisso com o leitor

O jornalismo que queremos

Muita gente não gosta de jornalista. E isso se estende, é claro, aos estudantes de Jornalismo. Quando saímos para entrevistar pessoas nas ruas, percebemos que muitas delas nos evitam porque têm medo de serem prejudicadas por nós. Realizando as reportagens desta edição, observamos que há muita desconfiança das pessoas comuns em relação à capacidade da imprensa em noticiar um fato sem distorcê-lo. Ao conversarmos com leitores de jornais, é comum ouvirmos críticas muito pesadas sobre nossa futura profissão: eles dizem que jornalistas só gostam de "picuinha"; só vão aos bairros da periferia para noticiar crimes ou buracos no asfalto; humilham os pobres ao mesmo tempo em que bajulam os ricos; usam suas colunas para resolver questões pessoais; fazem propaganda comercial disfarçada de notícia; exageram nos títulos para fazer sensacionalismo e não contribuem para compreender as causas dos problemas sociais.

Nosso modelo de jornalismo não se contenta apenas em expor os fatos, mas busca interpretá-los para contribuir na reflexão sobre a cidade

Essa imagem que as pessoas construíram sobre a imprensa, tal como vivenciamos ao elaborar esta edição, é um sinal amarelo para nós, estudantes de Jornalismo. O que nos inspira a estudar Comunicação Social é o desejo de contribuir para transformar a realidade. Trabalhar pelo bem comum é o princípio da vocação que nos trouxe à faculdade. Por isso, se há uma suspeita geral em relação ao compromisso social do profissional de imprensa, devemos, antes de tudo, reconquistar a confiança da sociedade através do nosso trabalho e do nosso exemplo.

No **Revelação**, o jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba, queremos experimentar um outro tipo de jornalismo, bem diferente dessa imagem que as pessoas têm da profissão que escolhemos estudar. No nosso jornal, não faremos sensacionalismo com a violência, não transformaremos o sofrimento dos outros em espetáculo. Os atos violentos serão tratados com responsabilidade e as reportagens sempre buscarão investigar as causas e as soluções para os problemas identificados. Procuraremos enxergar principalmente a violência simbólica, aquela que atua silenciosamente nas relações cotidianas e oprime as pessoas comuns, pois acreditamos que a raiz da violência está na própria estrutura da sociedade.

Nosso modelo de jornalismo não se contenta apenas em expor os fatos, mas busca interpretá-los para contribuir na reflexão sobre a cidade. Não se interessa pelo pitoresco, mas procura identificar as contradições de uma sociedade desigual. Não pretende denunciar para depois simplesmente "lavar as mãos", mas assume o compromisso de contribuir para que a sociedade possa solucionar seus problemas. Não se volta para o sarcasmo e a ironia, mas estabelece a crítica necessária para levantar questões importantes da vida social.

Este é o compromisso de uma nova geração de estudantes de Jornalismo conscientes da importância de uma imprensa de qualidade para a transformação da sociedade. E o resultado deste compromisso pode ser conferido nesta edição, que marca uma nova fase de nosso histórico jornal-laboratório.

Boa leitura. E boas reflexões.

Curso de Comunicação e ICBC firmam parceria

Graziella Tavares
3º período de Jornalismo

O Instituto de Cegos do Brasil Central (ICBC) é o novo parceiro do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba (Uniube). Estudantes de Jornalismo, orientados por professores do curso, criaram uma assessoria de comunicação para a instituição e fizeram a proposta de um novo tipo de estágio, vinculado a um trabalho voluntário. O objetivo principal da parceria é favorecer a interação entre o Instituto e a sociedade, informando a cidade sobre as atividades realizadas há tantos anos.

Estudantes da Uniubeo estão criando uma assessoria de comunicação para a instituição

Em reunião realizada no começo do mês de abril, o presidente do ICBC, Wilson Adriano, e a coordenação do curso de Comunicação discutiram sobre essa proposta de estágio e o apoio da universidade nos seus novos projetos. A iniciativa foi bem aceita e quatro alunos já começaram a desenvolver a assessoria.

Para o coordenador do curso, Raul Osório, essa é uma oportunidade para que os alunos se preparem para o mercado de trabalho e adquiram experiência — tanto na área que atuarão, como no voluntariado, atualmente uma das práticas profissionais mais bem aceitas em um currículo. Mônica de Freitas, uma das estagiárias do projeto, vê a participação dos estudantes no Instituto como um investimento futuro. "A convivência com pessoas tão ativas e interessantes, que já pudemos conhecer, ajudará, com certeza, nessa nossa fase de experimentação. Podemos trabalhar e inovar para que a instituição seja reconhecida por sua cidade. E isso é gratificante."

Os estagiários já visitaram o ICBC e puderam conhecer toda a sua estrutura e as pessoas que fazem do trabalho voluntário um ato profissional e pessoal. Como é o caso do novo diretor de marketing, Fernando Athayde, que já trabalhou na DPZ do Rio de Janeiro e na Rede Globo e agora aposta no Instituto. "Precisamos explorar mais a história, definir e apresentar a marca da instituição." Para começar, foram propostos a criação de informativo do ICBC; a realização de uma exposição de fotos e a reformulação do site na Internet.

O presidente do Instituto acredita na possibilidade de futuros projetos que ajudarão a fortalecer a união entre a instituição e a universidade. "Nós queremos que a Uniube seja mais uma parceira no nosso caminho que é voltado para a construção de um ICBC cada vez melhor", reforçou Wilson. As duas instituições ganham com a parceria, mas quem agradece são aqueles que cresceram com o Instituto: os seus usuários.

Revelação - Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba

Uniube • Reitor: Marcelo Palmério ••• Pró-reitora de Ensino Superior: Inara Barbosa ••• Coordenador do curso de Comunicação Social: Raul Osório Vargas ••• Assessor de Imprensa: Ricardo Aidar ••• **Revelação** • Professor orientador: André Azevedo da Fonseca (MTB MG-09912JP) ••• Produção e edição: Alunos do 3º período de Jornalismo ••• Estagiários (diagramação e edição): Luiz Carlos Vieira e Munyque Fernandes ••• Revisão: Cíntia Cunha ••• Técnica de Laboratório de Fotografia: Neuza das Graças ••• Analista de sistemas: Tatiane Oliveira Alves ••• Impressão: Gráfica Jornal da Manhã ••• **Redação** • Universidade de Uberaba - Curso de Comunicação Social - Sala 2L18 - Av. Nene Sabino, 1801 - Uberaba - MG - 38055-500 • Telefone: (34) 3319 8953 ••• Internet: www.revelacaoonline.uniube.br ••• E-mail: revela@uniube.br

issuu-downloader.com

●●● Cidadania ameaçada

Estamos na "Área"

Jovens do Probem são alvo de desrespeito de usuários da Área Azul

Foto: Luiz Carlos Vieira

Adolescentes relatam que os meninos são mais maltratados que as meninas, mas elas são mais assediadas

Ana Paula Jardim
3º período de Jornalismo

Camiseta cinza e vermelha, calça jeans e tênis preto, de pé em alguma esquina, lá estão eles esperando você estacionar o carro na famosa "Área Azul". Eles são adolescentes, geralmente entre 16 e 18 anos, em busca de uma oportunidade no mercado de trabalho.

Atualmente, o Programa do Bem-Estar do Menor (Probem) assiste a 558 adolescentes entre 14 e 18 anos em risco pessoal, social e econômico. Desses jovens, 478 trabalham em empresas da cidade e 80 estão na Área Azul. No Probem, os adolescentes recebem cursos profissionalizantes, suporte pedagógico, acompanhamento psicológico, além de carteira assinada e possibilidade de emprego nas empresas em que fazem estágio.

Todo jovem iniciante no Probem é "batizado" na Área Azul. Esta área está situada no perímetro urbano central, delimitado pela prefeitura, onde todo cidadão que estacionar seu veículo tem de pagar uma taxa correspondente a R$ 1 por hora.

Esses jovens colecionam muitas histórias, nas quatro horas diárias que passam na rua vendendo cartões. Como as de um adolescente de 17 anos, hoje estagiando na Uniube, que como todos os outros começou na Área Azul. Ele conta que já ouviu muita coisa na rua, desde palavrão a cantada, mas que sempre tirou de letra as adversidades. "Uma vez, um senhor numa Belina parou onde eu estava trabalhando. Fui oferecer o cartão e ele quase me bateu, mandou eu ir procurar serviço, em vez de ficar pedindo dinheiro na rua. Eu só agradeci e saí. Outra vez parou um cara numa moto e comprou o cartão da Área Azul. Depois, me perguntou a que horas eu sairia e se não aceitaria ir a um motel com ele depois do trabalho. Ele me daria R$ 50 e ainda me compraria umas roupas. Eu disse que não; 'não era a minha praia' e saí", narra o jovem, sob os risos dos amigos.

Um senhor parou o carro onde eu estava trabalhando. Fui oferecer o cartão e ele quase me bateu, mandou eu ir procurar serviço, em vez de ficar pedindo dinheiro na rua.

De acordo com a diretora do Probem, Maria Aparecida Ferreira, os adolescentes são preparados para esse tipo de tratamento na rua e orientados a sair de perto de potenciais agressores e a chamar o fiscal de sua área se sentir-se ameaçado de alguma forma. Ela diz que a situação já melhorou, mas que ainda falta consciência nas pessoas que não conhecem a filosofia do programa e prejudicam o trabalho desenvolvido. "Muitos oferecem gorjetas aos adolescentes, mas nós os orientamos a não aceitar. Gorjeta não é educativo. As pessoas têm que acolher esses jovens e não discriminar. Afinal, estão se inserindo no mundo do trabalho", destaca a diretora.

Os jovens são orientados a abordar educadamente a pessoa que estacionar na Área Azul e oferecer o cartão, mas nem sempre a reciprocidade é a mesma. Muitos são recebidos com grosseria e alguns até molestados. Uma adolescente de 16 anos ofereceu o cartão a um senhor no Mercado Municipal que, depois de adquiri-lo, convidou a moça para uma "voltinha". Ela conta que respondeu sem pensar duas vezes: "Eu vou é chamar a polícia para você!". Segundo a jovem, o homem ficou caladinho e entrou no mercado. E, ao sair, não teve coragem de dirigir uma palavra a ela.

Também há relatos de pessoas que tiram do bolso notas de 50 reais para pagar pelo serviço, por saber que os adolescentes não têm como dar troco. Ou o caso de uma garota de 16 anos que pagou pelo cartão do usuário. "Ele falou que pagaria o cartãozinho na volta, mas não voltou foi nada. Deu o horário da minha saída e nada dele chegar. Como eu já tinha dado o cartão, tive que pagar do meu bolso. Levei o maior calote", lamenta.

Uma adolescente de 16 anos ofereceu o cartão a um senhor no Mercado Municipal que, depois de adquiri-lo, convidou a moça para uma "voltinha".

Os jovens do Probem relatam que os meninos são mais maltratados que as meninas, mas elas são mais assediadas. Contam também que preferem trabalhar nas empresas porque são respeitados como profissionais, além da oportunidade de serem contratados definitivamente. Segundo eles, a única vantagem da Área Azul é poder estar perto dos amigos que fizeram no Probem. De resto, sobram desrespeito e falta de conhecimento da população pelo trabalho que estão realizando.

issuu-downloader.com

●●● Cidadania pede passagem

As barreiras do descaso

Dificuldades de acesso a áreas da cidade causam constrangimento e indignação

Mônica de Freitas Bacurau
Náire Belarmino de Carvalho

Everaldo Barbosa de Melo, 56 anos, levanta às 6h da manhã, faz um cafezinho e às 9h15 sai de sua casa, no bairro Santa Maria, com destino ao ambulatório Maria da Glória. Ele desce pela rua Goiás, disputando espaço com carros, motos, bicicletas e coletivos. Muitas vezes, tem que aturar insultos como: "Sai da rua!" ou "Você passa ou eu passo?".

Everaldo, como gosta de ser chamado, prefere circular pela rua, pois é praticamente impossível transitar em calçadas esburacadas, estreitas, cheias de entulhos e relevos. Durante o trajeto, enfrenta avenidas movimentadas, vielas íngremes e a má vontade daqueles que passam próximo ao seu veículo de locomoção e quase o levam ao chão. Após meia hora de "andança", decide procurar por uma sombra para esconder-se do sol de 35°, recuperar a força dos braços e fumar um cigarrinho, como ele mesmo diz. Já reabilitado, continua a "caminhada".

Ao chegar à região central, as rampas começam a aparecer; mas, segundo Everaldo, é dureza utilizá-las porque a maioria é muito inclinada, contém barreiras que dificultam a passagem, além da falta de conscientização de motoristas que não se importam em estacionar seus carros exatamente em frente a elas.

> *"Na hora de pagar imposto eles não vêem se a gente é deficiente ou não. Mas na hora de cobrar nossos direitos, é uma luta, um sofrimento."*

Everaldo pára em uma lanchonete no centro da cidade, pede uma Coca-Cola e um Carlton. Solicita que a atendente traga até a porta o pedido, pois é praticamente impossível seu acesso ao interior do estabelecimento. Em seguida, se desloca até o cesto de lixo na calçada, junto ao meio-fio, e então joga o copo descartável e a garrafa já vazia.

Fotos: Náire Belarmino de Carvalho

José Carlos aguarda uma ambulância no centro da cidade. De acordo com alguns usuários, nem sempre são atendidos

Flagrantes de celular

A equipe de reportagem do *Revelação* acompanhou o drama de Everaldo para se locomover pela cidade. Confira nas fotos tiradas pela camêra de um telefone celular alguns dos problemas que ele enfrenta diariamente.

Apesar da rampa, nível do asfalto atrapalha locomoção da cadeira de rodas

Espaço estreito quase impede entrada em estabelecimento

Calçadas esburacadas tornam o passeio perigoso

Os poucos ônibus especiais atrasam a vida de Everaldo

issuu-downloader.com

Pernambucano, bem-humorado, Everaldo usa cadeira de rodas há 35 anos. Ele faz aquele percurso pelo menos duas vezes por semana. Prefere ir "a pé" e dispensa os benefícios do município, que lhe são garantidos por Lei, porque nem sempre tem retorno quando solicita alguma ajuda. "Uma vez, eu precisei de uma ambulância para fazer um exame e pedi "por favor" para que mandassem uma, porque eu estava dependendo do transporte para não perder meu exame. Quem disse que mandaram a ambulância? Não mandaram!"

No seu dia-a-dia, ao voltar para casa, Everaldo usa o transporte coletivo e sempre procura utilizar os carros adaptados, pois é muito difícil pegar um ônibus com degraus na entrada. Segundo ele, suas pernas não permitem que fique em pé e, por serem muito pesadas, não tem como pedir a alguém que o segure nos braços.

Geralmente, Everaldo espera em torno de meia hora para embarcar na linha 204. De acordo com a Transmil, existe apenas um ônibus adaptado nessa linha. Everaldo diz que quando este veículo especial quebra ou atrasa, só volta a passar novamente três horas depois. Com isso, lhe sobram apenas duas opções: esperar a próxima viagem ou percorrer todo o trajeto de volta para casa sozinho, do seu jeito.

A rampa e o bueiro: *no centro da cidade, um verdadeiro deboche às necessidades especiais dos deficientes físicos*

Direitos no papel

Renato Crosara Magalhães, 28 anos, enfrenta situações semelhantes. Cadeirante desde criança, conseqüência de uma poliomielite, desistiu da faculdade de Direito por não encontrar condições de acesso nem mesmo ao Fórum. "Na hora de pagar imposto eles não vêem se a gente é deficiente ou não. Mas na hora de cobrar nossos direitos, é uma luta, um sofrimento."

A Lei Federal 10.098, de dezembro de 2000, estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiências ou com mobilidade reduzida. Os Artigos 3° e 4° determinam que vias e espaços públicos, assim como as respectivas instalações de serviços e mobiliários urbanos, devem ser adaptados para que sejam acessíveis a todos.

De acordo com a chefe da Seção de Apoio à Pessoa com Deficiência da Secretaria de Desenvolvimento Social (Seds), Denise Scussel, a cidade ainda não se adaptou totalmente às necessidades de acessibilidade dos deficientes devido à falta de conscientização da população: "Inicialmente, enquanto eu não tenho um na família, eu desconheço esse problema. Enquanto você não convive com a deficiência, você não está muito voltado para essas questões".

> *"Quando nos privam do direito de ir-e-vir, é sempre constrangedor. Se esse direito está na Constituição Federal Brasileira, por que o nosso não pode ser respeitado?"*

Perguntada se isso serviria de justificativa para o não cumprimento da Lei, Denise diz que não sabe se serviria como resposta, mas sim como ponto de partida para reflexão e transformação. "A não acessibilidade não tem justificativa, é igual criança que não tem lar, pessoa que passa fome."

A deficiente visual Gislaine Pietra, 28 anos, reclama das barreiras que impedem sua locomoção de forma segura pela cidade. Para Gislaine, Uberaba segue conceitos ultrapassados e, por isso, deveria modernizar-se. Segundo o Decreto N° 5.296/04, capítulo IV, Art. 10°, a implantação dos projetos arquitetônicos e urbanísticos devem atender aos princípios do "desenho universal". Entende-se por desenho universal aquele que visa atender à maior série de variações físicas e sensoriais possíveis, garantindo acessibilidade a todas as pessoas com autonomia, segurança e conforto, conforme normas estabelecidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Com relação ao transporte público, o Decreto 5.296/04 determina um prazo máximo de 120 meses para que as empresas de transporte coletivo estejam totalmente acessíveis. O diretor do Departamento de Políticas de Trânsito e Transporte da Secretaria de Infra-Estrutura, Claudinei Nunes, diz que o Município conta, atualmente, com quatro ônibus coletivos adaptados e informa que foi aberto um novo processo de licitação que visa à adaptação anual de 10% da frota, alcançando, assim, sua totalidade estipulada pela Lei.

Enquanto isso, pessoas como a cadeirante Ercileide Laurinda da Silva, 31 anos, sentem-se constrangidas frente às barreiras que encontram pelo caminho. "Quando nos privam do direito de ir-e-vir, é sempre constrangedor", e complementa: "Se está na Constituição esse direito, por que o nosso não pode ser respeitado?".

Fotos: Náire Belarmino de Carvalho
Apoio: Rodrigo de Matos

Rampas depredadas tornam-se riscos à sua segurança

Passarelas muito íngremes exigem que cadeirantes peçam ajuda para se locomover

issuu-downloader.com

Traumas escolares

Práticas de humilhação e intimidação entre estudantes preocupam pais e educadores

Luiz Maurício Pereira
3º período de Jornalismo

Uma forma silenciosa de violência vem sendo praticada nas escolas e tem preocupado educadores e pais. Trata-se do *bullying*, termo criado nos Estados Unidos para designar as violências físicas e psicológicas praticadas por estudantes contra colegas e professores.

"Essas violências vão desde esconder a mochila do colega até agressão física, e criam um ambiente desfavorável ao aprendizado", conta a professora Marquiane Furtado, que trabalha na rede particular de ensino de Uberaba. Segundo ela, os alunos que são vítimas deste tipo de violência tendem a ficar mais retraídos, o que prejudica seriamente o desenvolvimento.

Um exemplo dos malefícios desse fenômeno são estudantes com médias altas apresentarem um declínio no rendimento ou mesmo serem reprovados, por criarem rejeição ao ambiente escolar, causada pelas humilhações e intimidações. A professora lembra que as formas mais comuns de *bullying* são a apelidação e chacota, sobretudo as que remetem ao homossexualismo masculino. A partir destas atitudes, seguem-se a segregação do aluno no ambiente escolar e sua conseqüente marginalização na sala de aula.

Em entrevista com alunos da 8ª série e do ensino médio de uma escola da rede particular da cidade, os alunos levantaram as principais violências que eles presenciam diariamente. Eles contaram que, em uma das salas de aula, existe uma aluna que é hostilizada por colegas por exalar odores fortes, frutos de distúrbio hormonal comum na adolescência. Outra aluna preocupada com a violência é Larissa Resende, que já foi alvo de piadas de outros alunos, devido ao seu porte físico: "Aqueles que eu achava que eram meus amigos aderiram aos novatos que começaram as brincadeiras. Isso me deixou muito chateada."

João Flávio Gomes, aluno do segundo ano do ensino médio da rede particular de Uberaba, conta que já presenciou diversas formas de violências praticadas por colegas de classe contra outros alunos e se diz preocupado com as proporções que essas agressões tomam: "São brincadeiras que começam meio que inocentes e só se percebe que se tornaram problema quando já é tarde".

O que preocupa os educadores é que os adolescentes que sofrem as violências são jovens em idade de formação do caráter. Assim, todas as perturbações durante esse processo tendem a influenciar decisivamente o perfil do adolescente. Casos de estudantes que invadem escolas armados e matam colegas e professores têm, em seu antecedente, em geral, momentos em que foram vítimas do *bullying*.

Justamente por apresentarem essa característica em comum, o departamento de educação dos Estados Unidos procurou adotar um plano de combate ao *bullying*, que é seguido rigorosamente pelas escolas, na tentativa de evitar a repetição dos massacres. No Brasil, grandes redes de colégios particulares já adotam, nas suas atividades, um plano inspirado no modelo norte-americano.

Uma outra forma de violência sutil é a pressão pré-vestibular exercida pela escola e professores. Numa fase cheia de transformações e preocupação com o futuro, a tensão pelas expectativas do vestibular faz com que muitos alunos entrem em depressão. "É papel da escola e dos pais acompanhar os alunos, para que haja uma dosagem de cobrança e expectativa não exagerada, porque, quando a pressão é grande, o adolescente geralmente sofre muito", diz a professora Marquiane Furtado.

> *"São brincadeiras que começam meio que inocentes e só se percebe que se tornaram problema quando já é tarde"*

Uma dica para os pais evitarem esses tipos de violência é observar se os filhos estão tendo alterações significativas em seu comportamento e averiguar se isso está sendo causado por algo na escola. Em caso de dúvidas, é sempre bom consultar o orientador escolar e procurar também por auxílio de psicólogos. No caso do vestibular, é importante dar apoio ao adolescente e evitar o excesso de cobrança, já que a sociedade por si mesma exerce uma pressão muito forte. Vale a pena também levar os filhos para realizar testes vocacionais, com profissionais especializados.

Agressão verbal afeta aprendizagem

Má vontade do professor faz que com alunos percam o gosto de freqüentar a escola

Munyque Fernandes
5º período de Jornalismo

Geórgia Queiroz

A educação em Uberaba enfrenta uma série de dificuldades, que vão desde a falta de preparo de alguns professores até a desistência de estudar por parte dos alunos. E nada mais desestimulante que um ambiente escolar marcado por agressões verbais e discriminação. Para evitar que atitudes assim dificultem a aprendizagem, os educadores precisam evitar que a prática educativa seja carregada de traumas, e, principalmente de violência psicológica.

Eva Maria Camargo, aluna da 5ª série do ensino fundamental de uma escola particular de Uberaba, viveu uma péssima experiência no ano passado. "Parecia que a professora me excluía, principalmente quando era para fazer trabalhos em grupo. Eu ficava sem grupo, e ela dizia para eu me virar. Eu reparava que era só comigo", desabafa.

> *Já deixei muito de perguntar. Se respondem de mau humor, prefiro nem levantar a mão*

Como reação ao descaso da professora, a aluna chorava muito, enquanto seu rendimento escolar baixava. "Sentia um frio na barriga, dor no estômago e nenhuma vontade de ir pra escola". A situação mudou somente quando sua mãe foi até o colégio conversar com a professora. Mas as mudanças almejadas por Eva vão mais além. Ela acredita que alguns professores deveriam ser menos confusos, mais carinhosos e abertos às dúvidas dos alunos. "Já deixei muito de perguntar. Se respondem de mau humor, prefiro nem levantar a mão".

Para Cedna Maria Silva Lellis, professora da rede pública por 19 anos, é obrigação da escola compreender as particularidades de cada aluno. Saber o que está além do seu muro. Ela lembra que, certa vez, na escola em que trabalhava, um menino de 7 anos tinha sido rejeitado por todas as turmas de 1ª série. Até que ela pediu para que ele fosse colocado em sua sala. Todos os dias, Cedna lhe dava um caderno, mesmo assim, no dia seguinte o garoto já estava sem o material escolar. Então, ela decidiu descobrir o que acontecia, e foi até a casa do aluno. "No endereço havia uma casa de lona, com uma mulher bêbada deitada no chão, colchões espalhados pela casa e jovens de todas as idades". Episódio do qual tirou a lição: "As crianças ditas normais não precisam de mim. As que ninguém vê é que devo ajudar". Cedna ressalta que não é só o aluno que precisa de ajuda, o professor também. "Todas as escolas precisam contar com uma equipe multidisciplinar, inclusive as de ensino superior".

Na Universidade de Uberaba (Uniube), o Grupo de Apoio Pedagógico e Pesquisa (Gapp) possui uma equipe que atua na formação de professores de nível superior e básico, através do "Projeto Veredas". Pedagogos e psicólogos trabalham no relacionamento interpessoal de professores e alunos, desenvolvendo potencialidades e a sensibilidade de educadores e educandos. "Nada melhor que a arte e o carinho para combater a violência. A arte promove mudanças fantásticas", diz Iolanda Rodrigues Nunes, professora integrante do Gapp.

issuu-downloader.com

Te pego na saída

Brigas de alunos criam um clima de insegurança em escolas da cidade. Regras claras e disciplina nas pequenas rotinas do dia-a-dia podem ajudar ambiente escolar.

Geórgia Queiroz
Renata Vendramini
3º período de Jornalismo

Fotos: *Geórgia Queiroz*

Muros altos, grades e cercas elétricas indicam a sensação de insegurança nas escolas na cidade

O imenso muro rodeado por cercas elétricas nos lembrou a imagem de um presídio. Na fachada havia um portão com uma pequena janela; foi através dela que tivemos nosso primeiro contato com o porteiro. Depois de nos apresentarmos, dissemos qual era o nosso interesse e ele nos levou até a sala da direção. No pátio, encontramos alguns alunos matando aula. Subimos as escadas e avistamos mais uma grade trancada. Tivemos que chamar a zeladora para abrir. Muros, grades trancadas e cercas elétricas: essa foi a primeira visão que tivemos de uma das escolas públicas de Uberaba. Essa arquitetura é apenas um sinal de uma situação que a cada dia preocupa mais os profissionais da educação: a violência dentro das escolas, que se realiza através de indisciplina, rixas entre os próprios estudantes e enfrentamentos diretos entre alunos e professores.

Alguns docentes dizem que são diversos os motivos para se iniciar brigas e discussões envolvendo alunos e professores. Uma diretora revela que já teve de separar uma briga tão pesada entre alunas, por causa de namorado, que no final havia montes de cabelos nas mãos das rivais. Algumas circunstâncias são pretextos comuns para desentendimentos. O relacionamento com os homossexuais, para a maioria dos alunos, é sempre motivo de briga. "Os gays da minha escola gostam muito de aparecer, são espalhafatosos e folgados demais. Se qualquer um deles fizesse uma brincadeira comigo, com certeza, eu partiria para agressão", diz um estudante. As implicâncias com os alunos do turno matutino em geral também são perceptíveis. "Os meninos da manhã se acham o máximo só porque usam tênis e blusa de marca", disse outro aluno.

Regras claras e disciplina cotidiana deram bons resultados na Escola Estadual Corina de Oliveira

Mas para os estudantes, as brigas "emocionantes" acontecem sempre fora de sala; é na rua que os garotos ganham coragem para acertar as contas, momento comum de se ouvir entre eles a frase: "Te pego na saída!". Houve caso em que uma professora teve de acompanhar dois alunos até suas residências, pois eles estavam sendo ameaçados por gangues de fora da escola.

> *"A sociedade tem uma visão preconceituosa de que toda escola pública é sinônimo de desordem, e nem sempre esse pensamento é a realidade dos fatos."*

Outros casos de indisciplina também têm preocupado a comunidade escolar. Uma professora de matemática conta que já se deparou com alunos consumindo bebida alcóolica dentro de sala de aula. "Cheguei a ponto de ter que pedir auxílio da direção, pois não tive controle sob a situação, meus alunos gritavam, quebravam as carteiras e em momento algum me ouviam".

Mas há bons exemplos

Mudando um pouco de ambiente, ao visitarmos uma outra escola pública da cidade, percebemos que sua arquitetura externa já não parecia um presídio. O portão eletrônico estava aberto, fomos entrando sem medo. Encontramos uma zeladora andando no pátio, que gentilmente nos levou à sala da direção. Lá encontramos duas alunas sendo advertidas, pois estavam sem o uniforme da escola e usavam roupas indevidas para uma sala de aula. Estávamos na Escola Estadual Corina de Oliveira.

A diretora nos revelou que sua escola zela muito pela segurança de seus alunos. Para ela, os professores têm que ter limites e os alunos regras claras a seguir. Tudo que for exigido pela escola deve ser esclarecido aos pais e aos alunos. "É devido a isso que estamos em primeiro lugar no ENEM em relação a todas as escolas públicas de Uberaba", enfatizou a diretora. Percebemos que o rigor na disciplina, quando aplicado desde os pequenos atos – como o caso das meninas sem uniformes – parecem criar um clima geral de organização e de segurança.

De acordo com dados da Secretaria de Educação, o índice de violência nas escolas públicas de Uberaba não está alarmante. "A sociedade tem uma visão preconceituosa de que toda escola pública é sinônimo de desordem, mas nem sempre esse pensamento é a realidade dos fatos", afirma o Secretário da Educação, José Wandir. Ele conta também que a escola é um ambiente onde, de certa forma, é inevitável a ocorrência de tensões, pois lá a criança e o jovem começam a ter contato com colegas de diferentes classes, raças e culturas. Na convivência diária eles aprendem como é viver em sociedade, momento em que começam a surgir as primeiras contradições.

issuu-downloader.com

Guerra santa!

Insultos divinos

Disputas doutrinárias entre católicos e espíritas incendiaram imaginário de Uberaba

Lívia Zanolini
3º período de Jornalismo

"(...) espiritismo, inimigo de Jesus Cristo (...)"
(Correio Católico, 1941).

"Catolicismo nojento e maldito"
(O Pântano Sagrado).

"Seita abominável e retrógrada, malfeitora e inimiga da humanidade"
(O Pântano Sagrado).

"Doutrina estapafúrdia"
(Correio Católico, 1941).

"Seita nauseabunda e diabólica"
(O Pântano Sagrado).

"(...) não se pode levar à conta de ignorância de Allan Kardec (...)"
(Correio Católico, 1941).

"Para traz, tartufos! Hipócritas! Serpentes! Raça de Víbora!"
(O Pântano Sagrado).

"O diabo no espiritismo"
(Correio Católico, 1941).

"(...) monstro, cadáver ambulante, lixo pestilento"
(O Pântano Sagrado).

Estes são apenas alguns exemplos do que se passava na imprensa de Uberaba nas décadas de 1940 e 1950. São fragmentos de uma época que transporta o leitor a um assombroso castelo medieval, com paredes escuras e pouca iluminação, proveniente de alguns castiçais banhados a ouro. Um momento da história recente, quando se vivia preso a uma realidade opressora de novas idéias, marcada pela obscuridade da tirania e pelos poucos focos de luz oriundos de mentes rebeldes.

A imprensa simbolizava o vestíbulo e o salão principal da mansão medieval, onde doutrinas de todos os tipos e oriundas de diversos cômodos da fortaleza confrontavam-se. Eram os locais mais iluminados, pois o choque entre as crenças religiosas, estampado nas manchetes raivosas, esclarecia um pouco mais os cidadãos uberabenses sobre as características de cada uma delas. Mas era no momento das refeições que os confrontos ideológicos borbulhavam no centro do salão, chegando ao ápice da discussão. Era nessa hora que jornalistas, representantes da Igreja Católica, pensadores e

Fotos: Lívia Zanolini

O semanário "Correio Católico" e o livro "Pântano sagrado" foram

intelectuais preparavam, ingeriam, compartilhavam pensamentos e vomitavam as idéias contrárias que lhes eram ferozmente lançadas às entranhas.

Geralmente, serviam-se os pratos mais azedos: os principais jornais religiosos "A Flama" (passando a se chamar "A Flama Espírita", na década de 1950) e o "Correio Católico", além de livros que combatiam uma doutrina ao passo que aplaudia outra. Os responsáveis pela elaboração freqüente desse cardápio eram espíritas como Dr. Inácio Ferreira ou apenas simpáticos à doutrina – tal como o anticlerical e comunista Orlando Ferreira, mais conhecido como Doca – membros do clero, entre outros componentes dessa disputa mais política do que religiosa. Eles passavam horas dedicando-se às suas melhores receitas.

Um dos principais redatores de "A Flama", Dr. Inácio Ferreira, conduzia o jornal, juntamente aos "confrades" de doutrina, de maneira basicamente combativa, criticando duramente a religião católica.

Um dos principais redatores de "A Flama", Dr. Inácio Ferreira, conduzia o jornal, juntamente aos "confrades" de doutrina, de maneira basicamente combativa, criticando duramente a religião católica. Por conseguinte, recebia ataques não menos severos e hostis por meio do jornal "O Correio Católico", dirigido pelo Arcebispo de Uberaba, D. Alexandre Gonçalves Amaral.

Lutando ao lado do ideário espírita, aparece a figura de Doca, que dentre as obras que produziu sobre a cidade de Uberaba, escreveu "O Pântano Sagrado" (1948), um livro bastante agressivo que condenava rigorosamente o Catolicismo, por acreditar que a religião era símbolo de perigo e corrupção. Ou seja, dia após dia, nos diversos almoços e jantares realizados no casarão medieval, os pratos doces e saborosos eram raros, sendo substituídos pelos bem temperados, apimentados e até amargos ao paladar do oponente.

Segundo uma memória viva dessa época, Prof. Fausto de Vito, que durante anos dedicou-se ao jornal espírita, ainda em circulação – embora não mais de caráter combativo –, as acirradas polêmicas religiosas e doutrinárias contidas nesses jornais chegaram a extremos assustadores. Um exemplo disso foi quando a autoridade episcopal, valendo-se do prestígio que o Governo Ditatorial assegurava publicamente ao colaboracionismo da Igreja Católica no Brasil, encaminhou uma denúncia ao Núncio Apostólico, no Rio de Janeiro, D. Aluísio Mazella, e conseguiu fazer com que o Departamento de Imprensa e Propaganda

issuu-downloader.com

Entenda o caso

Nas décadas de 1940 e 1950, Uberaba foi cenário de uma intensa disputa religiosa entre adeptos do Espiritismo e seguidores do Catolicismo. O jornal espírita "A Flama" ("A Flama Espírita", a partir da década de 1950) e o periódico "Correio Católico", rivalizavam por meio de artigos combativos e ofensivos. Personagens como o espírita Dr. Inácio Ferreira e o comunista Doca defendiam a doutrina espírita e censuravam o Catolicismo. Em o "Correio Católico", dirigido pelo Arcebispo de Uberaba, Dom Alexandre Gonçalves do Amaral, as críticas não eram menos ofensivas quando se tratava de afrontar os rivais.

Um dos livros mais polêmicos que fizeram parte do cenário de combate foi "O Pântano Sagrado" (1948), escrito por Doca, onde o autor, mesmo não sendo religioso, mostrava-se simpático à doutrina espírita. Agressivamente anticlerical, Doca, logo no início de seu livro, expôs que não mediria palavras para criticar a "perigosa" Igreja Católica, pois acreditava que "entre os males causados ao mundo, o Capitalismo e o Catolicismo são os recordistas".

Em o "Correio Católico", dirigido por D. Alexandre, as críticas não eram menos ofensivas quando se tratava de afrontar os rivais

Mesmo depois de 1940 e 1950, os confrontos continuaram, mas aos poucos foram dissolvendo-se, até a convivência pacífica que se tem hoje entre as religiões. Livros como "O Pântano Sagrado" e os periódicos "A Flama" e o "Correio Católico" fizeram parte de uma imprensa que permaneceu queimando durante anos pelas palavras em brasa dos líderes da luta política.

reprodução

Orlando Ferreira, autor de "Pântano Sagrado", e D. Alexandre, então bispo de Uberaba, carregavam na retórica para defender suas idéias

Laboratório...

A Pauta

Inicialmente, a pauta proposta discorria sobre a intolerância da Igreja Católica em relação ao Espiritismo nas décadas de 1940 e 1950. Contudo, em entrevista ao padre Thomaz Aquino Prata, foi possível constatar que, na verdade, o que ocorria na época era uma disputa pelo poder, na esfera religiosa, entre as ideologias católica e espírita. A partir desse fato, a pauta passou a abordar as rixas religiosas entre Espiritismo e Catolicismo, visto que a intolerância estava presente em ambas as crenças.

A apuração

Documentos pertencentes ao Arquivo Público de Uberaba: "Correio Católico" e "O Pântano Sagrado" (1948). Os jornais espíritas "A Flama" da época não foram localizados. Os entrevistados foram o padre Thomaz Aquino Prata e o antigo redator (desde 1963) e diretor (de 1995 a 2003) do periódico "A Flama Espírita", professor Fausto de Vito, que hoje em dia não é mais atuante no jornal.

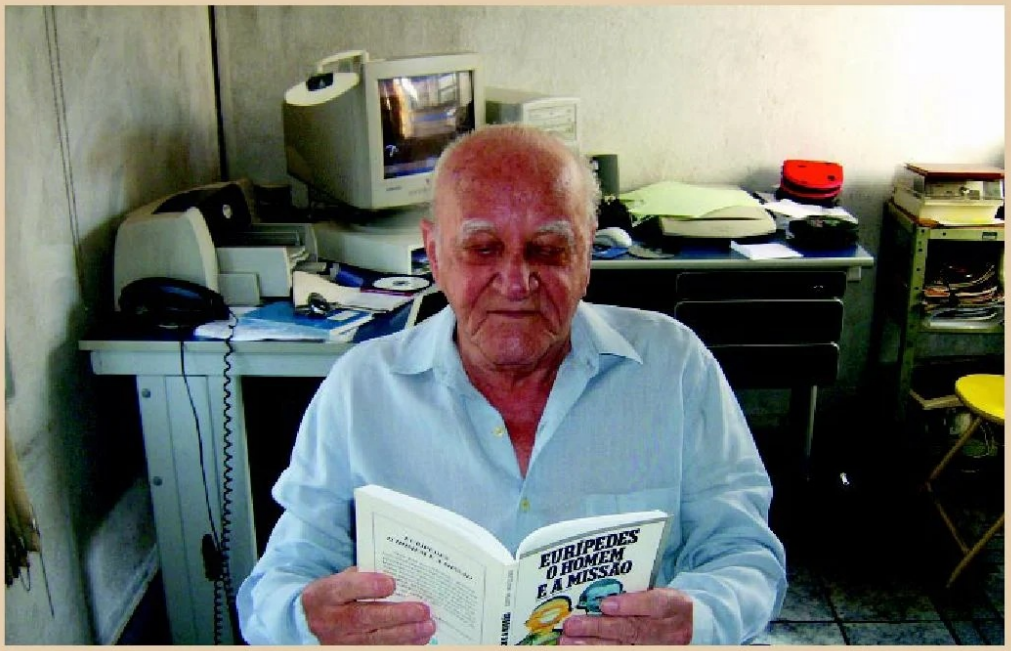
A reportagem

A linguagem utilizada ao redigir o texto da reportagem foi inspirada no próprio estilo de escrita empregado na época pelos líderes da disputa religiosa. Lideres não só católicos e espíritas, como também personalidades não-religiosas que fizeram parte do debate, acolhendo e defendendo alguma das ideologias. Uma dessas figuras que se destacaram foi Orlando Ferreira (Doca), autor da principal obra inspiradora da estética explosiva e repleta de metáforas desta reportagem.

(DIP) interrompesse, por tempo indeterminado, a circulação do jornal espírita. O periódico permaneceu inativo de 1942 a 1945.

Mesmo agora, depois de mais de meio século, o castelo dos inimigos, apesar de mais iluminado e repovoado por novos representantes das doutrinas, felizmente mais tolerantes, encontra vestígios e ecos dos escritos e pronunciamentos que tornavam o debate tão sobrecarregado. Algumas obras dos antigos representantes permaneceram guardadas, outras se perderam, mas as que restaram são o suficiente para demonstrar o quão importante foi a mediação da imprensa nessas disputas políticas, que alimentavam a busca por afirmação de cada doutrina, na cidade, a fim de obter a hegemonia no âmbito religioso.

A "Ré infame" ou a "entidade maldita", segundo a visão de Doca do Catolicismo, e "o inimigo de Jesus Cristo, inimigo do cristianismo", representando o pensamento católico, acerca do Espiritismo, registrado nas várias edições de "O Correio Católico", são apenas ingredientes de algumas das principais iguarias elaboradas por esses líderes. Analisando-as, percebe-se que o atual convívio, praticamente harmônico, entre as religiões, foi obtido à custa de inúmeras discussões e de uma convivência conturbada entre os antigos moradores do castelo, que pode ser considerado como um palco revelador de um dos maiores embates políticos da história de Uberaba.



O espírita Fausto de Vito, redator do jornal "A Flama Espírita" na década de 1960, lembra-se das disputas doutrinárias

issuu-downloader.com

●●● TV universitária

Vender ou ensinar, o que é que vai para o ar?

Às vésperas de completar 10 anos, emissora de Uberaba procura identidade

Tobias Ferraz
3º período de Jornalismo

Fazer televisão requer, além de talento e competência, uma quantidade respeitável de investimentos. A tecnologia do setor, que se renova diariamente e com velocidade espantosa, promete uma nova revolução quanto à forma e o formato de fazer e ver televisão. Diante deste momento histórico e indefinido da televisão no mundo, a TV Universitária de Uberaba procura sua identidade.

Criada em meados dos anos noventa para servir como instrumento de comunicação entre a então Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro (FMTM), hoje Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), e a comunidade uberabense, a TV Universitária está longe de cumprir as regras básicas que regem a filosofia das tevês universitárias – propagar a educação e a cultura e viabilizar a produção audiovisual.

Naquela época, foi criado um conselho para gerenciar a Fundação de Rádio Educativa de Uberaba (FUREU). Desde então, a TV é ligada à Fundação e não à Universidade. No ano passado, com nova gestão, a Fundação procurou concentrar os esforços para a recuperação financeira da emissora.

Falta de mão-de-obra, mesmo com os 21 funcionários que integram a equipe; equipamentos ultrapassados e com a vida útil comprometida por tantas e tantas horas de uso, são problemas que refletem diretamente na qualidade da produção e da programação. Existem cinco câmeras Super-VHS (S-VHS, sistema de captação de imagem analógico empregado na década de noventa e que não se popularizou entre as emissoras de TV), mas duas delas estão fora de operação. As três câmeras em condições de uso têm que dar conta de atender à produção no ambiente de estúdio e nas gravações externas.

Falta de mão-de-obra e equipamentos ultrapassados são problemas que refletem diretamente na qualidade da produção e da programação.

Marcelo Maluf tem o cargo de gerente de apoio cultural da TV Universitária e, durante muito tempo, acumulou também a função de gerente operacional. Ele encara uma luta diária para pôr a programação "no ar" e diz que a TV não recebe subsídio para funcionar como emissora cultural. Por isso, muitos dos programas caracterizam-se por um perfil eminentemente comercial - alguns até se utilizam abertamente do espaço para promoção de vendas. "A TV Universitária tenta resgatar o cotidiano da cidade. Não fazemos mais por falta de estrutura", lamenta Marcelo.

Segundo o gerente, um plano de recuperação financeira está em andamento, uma vez que o atual reitor da UFTM, Virmondes Rodrigues Júnior, tem demonstrado interesse em acertar essas questões. Assim, Maluf diz que, se tudo sair como planejado, a partir de meados deste ano, a TV pode ter condições de buscar novos recursos.

Em entrevista ao Jornal **Revelação,** o Reitor da UFTM disse que a TV Universitária precisa quitar dívidas que somam aproximadamente R$450 mil – "Boa parte dessa dívida já está sendo solucionada. São dívidas trabalhistas, junto ao FGTS. Com o INSS, já fizemos o refinanciamento. A TV precisa estar com certidão negativa de dívidas trabalhistas e previdenciária. E, partir daí, buscar apoio cultural." Por essas e outras, a TV não faz parte da Associação Brasileira de Televisão Universitária (ABTU).

O reitor usa de muita transparência para falar sobre a Universitária: "Nosso calcanhar de Aquiles", forma bem humorada, com a qual ele se refere à TV. Muito bem articulado e consciente das dificuldades, Virmondes Rodrigues não foge dos problemas e busca caminhos nesta "fase de subsistência" em que passa a TV. "A alternativa foi colocar uma programação demasiadamente comercial no ar. Hoje, os contratos com os programas são de, no máximo, seis meses, para ter maior facilidade de ajuste da programação."

Muitos dos programas caracterizam-se por um perfil eminentemente comercial - alguns até se utilizam abertamente do espaço para promoção de vendas.

E o foco está sendo ajustado. Segundo o reitor, professores e estudantes da UFTM estão em fase de elaboração de projetos culturais e educativos para implantação de novos programas. Além disso, novos equipamentos estão sendo adquiridos, como uma ilha de edição e uma *switcher* (mesa para corte e transmissão ao vivo), já no formato não-linear. "Como houve progressos na área de gestão, temos um programa consistente de recuperação da TV", afirma o reitor.

No dia sete de outubro, a TV Universitária comemora 10 anos e, se depender de Virmondes, já poderá estar de cara nova e com uma programação mais adequada e, talvez, até já fazendo parte da Associação Brasileira de TV Universitária. A nova fase promete mais qualidade, compromisso com a educação e maior interação com a comunidade uberabense.

Um importante passo à frente foi dado pela direção da TV no mês de abril, com a contratação de Eduardo Ferreira para o cargo de gerente de operações. Nascido e criado na capital paulista, desde criança acompanhava o pai no trabalho pelos estúdios da extinta TV Tupi, de São Paulo. Profissional experiente, Eduardo trabalhou em várias emissoras (Tupi, Band, SBT e Globo) e em grandes

Carlos Finocchio

"Acredito na educação como agente transformador da sociedade e a TV Universitária tem muito para contribuir com esse processo."
Virmondes Rodrigues Júnior, reitor da UFTM

issuu-downloader.com

"Entre aspas"

"Uma TV pública é dirigida por organismos da sociedade, sem intervenção do Estado. É mantida por diferentes formas de financiamento que incluem, desde apoio cultural, até recursos do Estado, mas sem interferência. E sem publicidade."

Laurindo Lalo Leal Filho, professor da Escola de Comunicação e Artes da USP, citado no site Comunique-se, boletim de 15 de março de 2007.

produtoras da capital paulista e de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Ele explica que a prioridade é "adquirir equipamentos do século 21, dar a capacitação necessária ao pessoal, colocar os salários em um nível mais elevado e, a partir daí, cuidar da programação". O novo gerente de operações pretende construir uma base técnica bem estruturada para, a partir disso, trabalhar a nova grade de programação.

Em outubro a TV Universitária comemora 10 anos e, se depender de Virmondes, já poderá estar de cara nova e com uma programação mais adequada e, talvez, até já fazendo parte da Associação Brasileira de TV Universitária.

Gente competente e com disposição para contribuir com uma programação local de qualidade existe. Décio Bragança, educador e professor universitário, já teve um programa na Universitária, mas o "tirou do ar" por desentendimentos com a direção da época. Ele lamenta o perfil fortemente comercial adotado, sem responsabilidade com a educação, e afirma sentir uma sensação de desperdício, diante da atual programação da emissora. "Professores, alunos e a comunidade de Uberaba estão perdendo um espaço fenomenal para fazer educação, cultura e arte." O educador lembra ainda que a Universitária tem de trabalhar nos moldes das tevês comunitárias e ser a voz da comunidade de Uberaba – "O povo não está lá", afirma o professor.

Munyque Fernandes

Décio Bragança defende que a TV Universitária deve ser voltada prioritariamente para a educação, a arte e a cultura

Carla de Matos
3º período de Jornalismo

Visitamos o principal centro comercial e populacional de Uberaba, o calçadão da Arthur Machado, para saber o que as pessoas dizem sobre programação da TV Universitária. A pergunta foi: *Você assiste à TV Universitária freqüentemente? Por quê?*

"Sim. Acho o canal muito bom. Sempre que tenho tempo, acompanho a programação da tarde. Apesar de eu ser analfabeto, acho alguns programas legais e de fácil entendimento. Eu só queria que pessoas como eu fossem mais valorizadas, mostradas e também tivessem mais oportunidades para crescer."

Gaspar Ferreira da Silva,
Vendedor de algodão doce.

"Às vezes. Sempre que posso, acompanho os quadros políticos. O que eu mais gosto é o TV Câmara. Isso porque o acho útil para a população, pois a equipe do programa quase sempre resolve problemas rotineiros da sociedade local. O ponto negativo dessa TV é que dificilmente são transmitidos desenhos e jogos de futebol, o que a torna menos chamativa. E ainda a Rede Globo fez a cabeça de todos, e esse pode ser o motivo do canal não ser muito assistido".

Márcio Fernando Getúlio,
Professor de Educação Física.

"Não. Porque não tenho tempo e também na minha casa é antena parabólica e o canal não pega muito bem. Mas minha avó, que mora no bairro Universitário, acompanha a programação do canal 5 principalmente aos domingos, porque ela adora assistir a missa transmitida às nove da manhã".

André Luis da Silva, Segurança.

"Sim, gosto muito dos programas e até os que eu não agrado muito eu assisto. Adoro o programa do Paulo Sarquis, pois acho as entrevistas e as dicas muito interessantes. Também admiro o jornalista Cacá Silveira, apresentador do programa Fala Cacá. Acho que ele é uma pessoa cômica e que expõe em seu programa polêmicas aproveitáveis; a única coisa que lamento é a curta duração do quadro. Além disso, acompanho o Fábrica, transmitido aos sábados. Gosto muito desse programa porque admiro os futuros jornalistas e acredito no potencial deles".

Eliezer Silva, Aposentado.

"Não, porque acho a programação maçante. Porém, quando estou à toa e não tem nada de interessante nos outros canais, assisto o Canal 5. Uma dessas vezes, assisti o Abracadabra, transmitido à meia noite. Apesar do quadro não ter muito conteúdo, achei legal ouvir sobre signos do zodíaco e além disso, o formato do programa e a apresentadora são muito engraçados".

Cynara Braga,
Estudante do 1º período de Biomedicina.

issuu-downloader.com

Como fazer a diferença na TV

Televisões universitárias devem promover o conhecimento e aproximar o grande público da produção acadêmica

ABTU congrega as instituições de ensino superior que produzem televisão educativa e cultural

Paulo Henrique Santos
3º período de Jornalismo

A Associação Brasileira de Televisão Universitária (ABTU) é um órgão que tem o objetivo de auxiliar e regulamentar as emissoras de TV universitárias do país. Também se empenha em congregar todas as instituições de ensino superior que se dedicam a isso.

Desde a criação da primeira TV universitária do Brasil (a TV Educativa de Recife, em 1967), muitas universidades brasileiras se lançaram à empreitada do audiovisual, pois este é um dos meios mais rápidos e eficientes para que a produção acadêmica chegue à população em geral.

A ABTU visa expandir a rede de televisões universitárias no país, auxiliando as instituições que se dedicam a esse tipo de transmissão. A associação orienta as universidades com apoio administrativo, técnico e jurídico; serve como representante das mesmas junto a órgãos do governo; orienta quanto à aquisição dos canais de TV e à produção da programação, que sempre deve ser voltada à informação, educação e cultura.

Qualquer instituição de ensino superior no Brasil pode filiar-se à ABTU, contanto que tenha uma produção regular de conteúdo televisivo de caráter informativo-cultural.

Segundo a Carta de Princípios e o Código de Ética da ABTU, o compromisso maior das TVs universitárias é tornar públicos os bens culturais, assegurar que a informação e o conhecimento sejam difundidos, tendo em mente o desenvolvimento das regiões onde as TVs atuam. Assim, a televisão integra-se e passa a ser um catalisador de mudanças.

Para que esta integração seja alcançada, o Código de Ética serve como uma regulamentação dessas emissoras. Além disso, defende que o conteúdo transmitido deve preservar as diversidades culturais da região; servir como canal de diálogo e debate para a compreensão da sociedade, sempre levando em conta que o telespectador é o protagonista. Em suma, a TV universitária deve incentivar a população a ter um olhar crítico sobre a própria sociedade, compreendendo sua dinâmica e servindo como elemento de transformação. As instituições signatárias deste código, portanto, se comprometem a seguir os princípios da ABTU, proporcionando informação, cultura, respeito aos valores humanos e igualdade.

São estes os pilares sobre os quais a programação das TVs universitárias deve basear-se.

Foto: Roosewelt Pinheiro/ABr

Rede de Intercâmbio de Televisão Universitária (Ritu), foi lançada em dezembro de 2006 na sede da ABTU por representantes de universidades de todo o país

Sobre a programação educativo-cultural

Quanto à definição de programas educativos e culturais, que devem ser a pedra-base da programação, os ministérios da Educação e Cultura dizem:

"Art. 1º Por programas educativo-culturais entendem-se aqueles que, além de atuarem conjuntamente com os sistemas de ensino de qualquer nível ou modalidade, visem à educação básica e superior, à educação permanente e formação para o trabalho, além de abranger as atividades de divulgação educacional, cultural, pedagógica e de orientação profissional, sempre de acordo com os objetivos nacionais."

É importante ressaltar que alguns tipos de programas não mencionados neste artigo (como os de caráter recreativo ou esportivo) podem enquadrar-se nessa definição, caso contenham enfoques educativo-culturais. Esta definição surgiu como uma necessidade de estabelecer critérios para a concessão de canais de rádio e televisão que dizem orientar-se por finalidades educativas.

A TV universitária deve ter a educação como um de seus parâmetros principais, pois sua meta é ter conteúdo diversificado e rico, essencial na era do conhecimento. Números de audiência e verba de patrocinadores não são o objetivo principal destas TVs: sua razão de existir é apresentar a seu público programas que valorizem cada segmento da sociedade, adequados às necessidades e expectativas de cada um.

A produção jornalística também é muito valorizada nas TVs universitárias, e sua cobertura deve ser realizada sempre com independência, pluralidade e também um teor pedagógico. Neste tipo de jornalismo, ficar preso ao factual não é importante. O que vale é a exposição e reflexão dos acontecimentos e de suas devidas conseqüências.

A TV universitária deve incentivar a população a ter um olhar crítico sobre a própria sociedade, compreendendo sua dinâmica e servindo como elemento de transformação.

Os programas da TV universitária podem ser produzidos tanto por profissionais, quanto por alunos, professores, pesquisadores e intelectuais da área. Além de educação e cultura, os conteúdos devem incentivar o senso de cidadania. E ainda que a grande audiência não seja o critério para medir o sucesso destes programas, é claro que deve ser levada em conta sua atratividade, para que as pessoas se interessem e se eduquem com a programação.

A transformação da TV Educativa

A primeira categoria de TV Educativa foi criada em 1967, pelo Decreto-Lei 236, e vinha para contrapor à televisão comercial brasileira, em rápida expansão na época. Demorou até que essas TVs cumprissem com seu objetivo plenamente, porque as universidades acabavam sendo prejudicadas. Como o governo regula a outorga e distribuição de canais, por muito tempo essas TVs serviram como um instrumento político, do Estado, e deixaram de lado a premissa inicial de promover o conhecimento.

Em 1995, a Lei 8977, ou Lei do Cabo, obrigou operadoras de televisão a criarem canais básicos de utilização gratuita, incluindo-se um canal universitário. As portas se abriram a partir daí, e as universidades começaram a utilizar-se dos equipamentos de seu núcleo audiovisual para esse fim. As instituições de ensino superior viram na televisão uma maneira inovadora e eficiente de extensão acadêmica, inclusive servindo como área de debates e exposição de teses. Hoje em dia, cerca de 100 instituições acadêmicas produzem conteúdo televisivo no país, o que levou à formação da ABTU.

Quando a universidade decide apoiar a pesquisa, passa a comunicar os resultados para a sociedade e se dispõe a formular uma programação de qualidade, voltada para a educação e a cidadania, todos ganham, e um pilar da democracia se fortalece.

issuu-downloader.com

●●● Pintou sujeira

Sociedade da imundície

Sujeira espalhada pelo centro violenta a urbanidade e indica desrespeito pela própria cidade

Fotos: Danielle Maia

Patrimônio histórico depredado no centro da cidade é uma ofensa à história de Uberaba

Danielle Maia
Larissa Carvalho
3º período de Jornalismo

São 14h de mais uma quarta-feira ensolarada em Uberaba. Andando pelas ruas do bairro Abadia, é visível a sujeira espalhada no chão, nos canteiros, nas praças e avenidas – enfim, por todos os cantos. Do outro lado da rua, um carro sai da garagem. Da janela do veículo "voa" uma casca de banana, que cai na calçada e lá ficará por muito tempo, se depender da senhora comedora de bananas...

Seguindo rumo ao centro da cidade, nos deparamos com muros pichados, orelhões pintados por corretivo escolar e casas antigas que fazem parte da história de Uberaba totalmente depredadas. Tudo parece tão normal! Tantas pessoas passam por estes lugares! Será que ninguém percebe a violência que está acontecendo? Do papel de bala jogado ao chão ao amontoado de cartazes colados na parede da "velha" casa, há uma grande falta de cidadania. Quem, ou o que é culpado por isso? Familiares, escola, cultura, população em geral?

Para o vendedor de trufas, Osiel Santos, e para a vendedora de sorvetes, Mirian Pimenta, que trabalham no calçadão, esses costumes são pura falta de educação. E para ambos, a raiz está em casa. "Eles passam ao lado das lixeiras e têm a capacidade de jogar os papéis no chão", comentam. Para Mirian, é desde criança que estes maus hábitos devem ser corrigidos: "Se jogou um pacote de bolacha no chão, a mãe deve fazer com que a própria criança o coloque no lixo". Para Osiel, as pessoas só sabem reclamar, mas não fazem nada para ajudar a melhorar. Um exemplo disso são as inundações. "As pessoas reclamam das enchentes de Uberaba, mas não se cansam de entupir os bueiros com os lixos que produzem".

Wilson Roberto, catador de papel, conta que às vezes os próprios colegas espalham lixo pela cidade

Segundo o professor de História, Pedro dos Reis Coutinho, o único caminho para resolver esse problema é a educação. Somente por meio dela a sociedade chegará à cidadania. Coutinho observa que as pessoas tratam o que é público como se fosse de ninguém; porém, deveriam perceber que o que é público é de todos. Assim, os cidadãos devem preservar os orelhões, o patrimônio histórico e manter a limpeza das ruas, assim como fazem em suas casas. O resultado disso será uma cidade limpa e bonita.

As pessoas tratam o que é público como se fosse de ninguém; porém, deveriam perceber que o que é público é de todos.

Andando pelo centro de Uberaba, encontramos muitos catadores de papel. Wilson Roberto, que trabalha na praça Rui Barbosa há mais de dois anos, conta que às vezes os próprios catadores ajudam a espalhar a sujeira. Segundo ele, alguns trabalhadores, ao procurarem algo no lixo, jogam o que não lhes interessam no chão, sem se importar com a poluição. Ele também conta que a vida já lhe rendeu muitas histórias. "Até que o lixo de Uberaba é bom, sabia?! Um dia desses encontrei um computador e até um relógio dentro de alguns deles!".

Uma varredora de rua, que preferiu não se identificar, percebe que as pessoas não se sentem na obrigação de preservar a cidade. Sendo assim, acabam jogando lixo no chão e poluindo o meio ambiente. "É impressionante a falta de consciência de algumas pessoas. Foram colocadas várias lixeiras pelos bairros e, mesmo assim, elas insistem em jogar o lixo no chão." Contudo, ela observa também que, depois do aumento das lixeiras, a limpeza em geral melhorou.

Andando um pouco mais, rumo ao Shopping Uberaba, outro ponto muito freqüentado, essa realidade é um pouco diferente. "As pessoas que freqüentam o shopping parecem ter vergonha de jogar o lixo no chão", afirma uma zeladora. No entanto, ela diz que, muitas vezes, quando as pessoas arremessam algum papel na lixeira, mas porventura não acertam, também não voltam para catá-lo. Dessa vez, por vergonha de pegar. Mas a zeladora questiona: "Será mais vergonhoso voltar e pegar o papel do chão e colocá-lo na lixeira, ou deixar o lixo onde caiu?".

O pior de tudo é que todos os cidadãos concordam que esse quadro de falta de educação para a urbanidade precisa mudar, mas continuam agindo da mesma maneira. Isso porque julgam o problema como banal, comparado aos que precisam enfrentar no dia-a-dia. A falta de tempo das pessoas é tanta que elas acham que ao atravessar a rua para jogar um papel de bala na lixeira irão gastar um tempo precioso. É muito mais cômodo e rápido deixar no cantinho da calçada. No entanto, estudiosos sobre a urbanidade têm percebido que, quando a cidade fica suja e mal cuidada, as pessoas tendem a desrespeitá-la ainda mais através de vandalismo, depredações e outros tipos de violência. Ou seja: uma casca de banana jogada pelo vidro do automóvel é uma bola de neve que, ao tornar-se um hábito social, pode comprometer a qualidade de vida na cidade. Por isso, é sempre melhor combater esses problemas quando eles ainda estão aparentemente inofensivos. São as pequenas práticas cotidianas que transformam a vida da cidade.

Varredora de rua percebe que os cidadãos não se sentem na obrigação de cuidar da cidade

issuu-downloader.com

●●● Em terra de cego...

O parafuso condena

Conheça alguns truques de vendedores que querem "passar a perna" no cliente

Fotos: Luiz Carlos Vieira

Comprar "no escuro" é sempre uma fria. Consumidor deve estar atento aos detalhes de produtos de mostruário

Caio Aureliano
Diego Pierazzo
3º período de Jornalismo

Na ansiedade de efetuar uma compra, principalmente quando qualidade e preço aparentemente nos agradam, muitas vezes caímos em algumas armadilhas. Melhor dizendo, correspondemos aos objetivos traçados pelos vendedores, que já percebem nosso interesse antes de nós mesmos. Diz um provérbio árabe: "Na primeira vez que me enganar é sua culpa. Na segunda, será culpa minha". No momento da compra, portanto, o consumidor deve manter-se bastante atento em relação a alguns procedimentos.

Quando o produto está próximo do prazo de validade, o supermercado encarrega-se de incentivar seu consumo por meio de promoções.

Em um bate-papo com profissionais da área, encontramos algumas dicas que podem ser valiosas para quem não quer ser enganado. O primeiro ponto que o consumidor deve prestar atenção é sobre a verdadeira necessidade de adquirir tal produto. Trabalhar racionalmente esta questão é a melhor medida. Uma vendedora de equipamentos eletrônicos, que preferiu não se identificar, disse que o comportamento do cliente anuncia o que ele quer desde o momento em que entra na loja. Portanto, a tranqüilidade, a segurança, a estabilidade emocional e uma boa pesquisa antes de realizar a compra contribuem para a decisão bem fundamentada.

O consumidor deve ter em mente o produto, marca e modelo que deseja comprar. É certo que o lojista, ao explicar as qualidades de certo produto, sutilmente, identifica o perfil do cliente e fala o que ele quer ouvir, de modo a "dar o bote". Há uma dica interessante para lidar com este tipo de "cilada". Na verdade, trata-se de uma disposição de espírito que o consumidor deve ter consigo. O cliente deve acreditar, mesmo que não seja verdade, que existem milhões de ofertas e modelos melhores, mais baratos, e que irá pensar mais sobre a proposta. Futuramente, poderá voltar à loja, com uma decisão mais sólida. Mas antes de tudo, é bom percorrer vários estabelecimentos – no mínimo cinco – que ofereçam produtos similares e que atendam às expectativas de preços.

Segundo a vendedora, é comum encontrar produtos à venda em mostruários que já passaram até por assistência técnica.

No caso de um produto que não estava nos planos, mas que – quem sabe? – pode ser útil, lembre-se de que o fato de desconhecê-lo não o impede de pesquisá-lo em outras lojas. A loja "X" lhe apresenta uma máquina de lavar meias. Isso pode ser novo para você, mas não para as concorrentes que, talvez, lhe apresentarão melhores propostas. Porém, como sugerido, analise a real necessidade de consumir, para que não ocorra o fenômeno "dissonância cognitiva", ou seja, o arrependimento pós-compra...

Cuidados com as prateleiras

O consumidor deve ficar muito atento aos produtos de mostruário. Ele parece novo? Está sujo, encardido ou riscado? Os lacres estão violados? O cliente pode perguntar para o vendedor por quanto tempo tal produto está à mostra. Contudo, é bom sempre duvidar da palavra do vendedor. Segundo uma profissional do ramo, não é incomum que alguns produtos de mostruário sejam frutos de devolução. Um consumidor qualquer não se satisfaz, se arrepende pela compra ou não pode pagar, devolve o produto e... voilá, logo ele está nas prateleiras.

Segundo a vendedora, é comum encontrar produtos à venda em mostruários que já passaram até por assistência técnica. "O parafuso! Ele condena", comenta um outro vendedor, que também preferiu não se identificar, ao ser indagado sobre como

issuu-downloader.com

reconhecer um produto usado sendo vendido como novo na prateleira. Segundo ele, equipamentos que contêm parafusos, quando abertos, ficam sempre com o sinal da chave de fenda, por mais cauteloso que tenha sido o trabalho do técnico.

Questionada sobre o que mais irrita em vendas, uma profissional menciona o fato de ser obrigada a vender produtos "ruins", o que afeta até mesmo a própria índole. "O produto é vendido de manhã. À tarde, o cliente volta. E a culpada acaba sendo eu", explica a vendedora.

Ofertas de produtos

Em caso de promoção em produtos alimentícios, é sempre bom verificar a data de validade – principalmente em boas marcas, que não necessitam de promoção para aumentar as vendas. Em geral, quando o produto está próximo do prazo de validade, o supermercado encarrega-se de incentivar seu consumo por meio de estratégias promocionais.

Supermercados têm uma prática tradicional de baixar preços de produtos específicos, de modo a atrair clientes. Assim, o consumidor acredita que o fato de o litro de óleo, a margarina e a massa de tomate estarem a "preços imbatíveis" – expressão utilizada na maioria das propagandas –, faz com que macarrão, o pão e a maionese também estejam. O que não é verdade. Muitas vezes, a promoção de alguns produtos serve como isca para induzir o cliente a entrar na empresa e consumir além do que está sendo anunciado. Esta estratégia é adequada a qualquer setor. O DVD player, por exemplo, em preço promocional, atrai o consumidor que, com dois ou três meses a mais no crediário, será instigado a adquirir o home theater, compensando o desconto do primeiro.

Descontos e brindes são recursos normalmente já previstos na estratégia do vendedor. Nem sempre é vantagem para quem compra. Às vezes, um brinde ruim substitui um bom desconto.

Ponta de estoque

É difícil encontrar produtos de marcas consolidadas em ponta de estoque. Se existe, atenção: pode haver um pequeno defeito ou o produto está prestes a sair de linha. Quanto às marcas não tão conhecidas, há uma interessante observação. Muitos equipamentos levam um nome diferente; porém, sua arquitetura interna está repleta de componentes de marcas com ótima qualidade. Nesse caso, para não comprar "gato por lebre", uma breve pesquisa é sempre muito bem-vinda. Na Internet, pode-se obter dados, ou talvez um amigo já tenha alguma experiência com o produto.

Descontos e brindes são recursos normalmente já previstos na estratégia do vendedor. Nem sempre é vantagem para quem compra. Às vezes, um brinde ruim substitui um bom desconto. O professor do curso de Comunicação da Uniube e consultor de empresas, Paulo Fernando Rocha Ventura, diz que o uso excessivo de brindes tende a tornar-se uma estratégia arriscada para a empresa, pois, com essa prática, pode haver uma desvalorização do produto. "A curto prazo, o brinde é salutar quando se trata de uma estratégia específica, como alavancar vendas, gerar maior conhecimento da marca, fidelizar clientes atuais, etc. A longo prazo, pode causar a impressão de que o brinde compõe o produto, desvalorizando-o", explica o professor.

É difícil encontrar produtos de marcas consolidadas em ponta de estoque. Se existe, atenção: pode haver um pequeno defeito ou o produto está prestes a sair de linha.

Consumidores devem conferir a data de validade de produtos em promoção

Consumidor. Vendedor. Produto. Afinidades que se dissolvem em um "tabuleiro de xadrez". Em uma boa relação, exige-se muita percepção das duas partes. Para o consumidor, determinada marca ou empresa pode representar um sonho, uma fantasia, um ideal de vida. Para a maioria das empresas, o consumidor é apenas um número que se relaciona em análise de mercado.

Para ser **grande**, comece como *Junior.*

A Multi Jr. é uma empresa multidisciplinar de consultoria e assessoria, dirigida por alunos da universidade, orientados por professores.
Entre para a Multi Jr. e dê o primeiro passo da sua vida profissional!
Bloco H, sala 2H117 - e-mail: multijr@uniube.br

MultiJr.
Multiplique seu sucesso!

issuu-downloader.com

●●● Entre os melhores do Brasil

Alunos de Comunicação são finalistas na Expocom Sudeste

Estudantes da Uniube emplacaram sete trabalhos na mostra regional

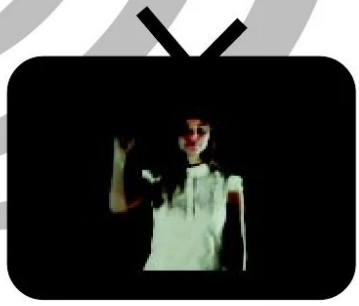
Sete trabalhos realizados por treze estudantes de Comunicação Social da Universidade de Uberaba (Uniube) são finalistas na Expocom Sudeste, uma das mais importantes mostras de trabalhos universitários do país. Os destaques são os trabalhos na área de vídeo e de quadrinhos.Os trabalhos foram orientados pelos professores Celi Camargo e André Azevedo da Fonseca, e contaram com apoio técnico de Emerson Ferreira, Luiz Cledson Lemes Prata, Cícero Francisco Pereira e Renê Vieira.

O coordenador do curso de Comunicação Social da Uniube, Raul Osório Vargas, ficou feliz com a classificação de tantos trabalhos na Expocom. "É bom ver os alunos crescendo. Isso mostra que o projeto pedagógico do curso está no caminho certo: incentivando uma comunicação crítica, humanizada, que resgata a história cultural da cidade, além de possuir narrativas nas diferentes mídias". Raul se refere à variedade de trabalhos aprovados: de reportagens científicas às histórias em quadrinhos.

"Nossa proposta é incentivar o aluno à experimentar os diferentes suportes midiáticos, algo que faz diferença no mercado e vai ajudá-lo quando estiver lá". Para o coordenador, os professores também são fundamentais. "Nós temos professores que não só estiveram no mercado, mas que têm uma reflexão profunda e bagagem cultural." E quanto às próximas etapas e concursos o coordenador garante "Vamos além!".

***"Fábrica"**, de Marília Rodrigues (com o cinegrafista Renê Vieira), é finalista na modalidade Vinheta de TV*

***"Sobre Vidas e Fósseis"**, de Mario Sergio Silva, César Antonio e Diego Aragão é finalista na modalidade Vídeo Científico*



***"Sinais"**, de Laura Facury e Luis Felipe Pimenta, está classificado na modalidade Vídeo-Minuto*

***"Aruanda. O Ritual Sagrado"**, de Rodrigo Antônio Matos, Bruna Belela, Luís Antônio Costa Junior e Soraya Borges concorre na modalidade Vídeo-Reportagem*

"Lula e Bush em Brockeback Montain", de Rogério Maruno Mesquita, concorre na modalidade Charge

"RAFA, de Malhação", de José Adolfo da Silva Júnior, é finalista na modalidade Caricatura

"Arqueologia do Quintal", de Pâmela Mendes Moreira, está classificado na categoria História em Quadrinhos

issuu-downloader.com